O RENASCIMENTO

Passagem da Idade Média para Idade Moderna

A partir das Cruzadas, começou a se formar na Europa diversas rotas de comércio, onde mais tarde se fixaram feitorias comerciais, garantindo um fluxo de produtos e trazendo um novo estilo de vida para o europeu: nasciam as cidades (ou burgos), que eram centros de produção artesanal e comercial. A economia de subsistência foi gradativamente substituída pela economia monetária e as cidades passaram a ser, aos poucos, mais influentes do que os campos. Foi nesse momento de múltiplas redefinições que começou a ser formar uma camada de mercadores (burgueses) enriquecidos que pretendia conquistar o poder político e também prestígio social.

Esse crescimento econômico entrou em colapso por volta do século XIV, em decorrência de uma série de fatores, como a Peste Negra, a Guerra dos Cem Anos e diversas revoltas populares (os senhores feudais, vendo seu poder enfraquecer, exigiam ainda mais dos servos, que se revoltavam). Esse colapso é conhecido como a "crise do feudalismo", que reforçou o desenvolvimento da burguesia e acabou por fortalecer a monarquia: o enfraquecimento da nobreza (senhores feudais) pela crise expandiu o poder do rei. Esse período foi propício para novas empresas comerciais, onde os empresários recrutassem mão-de-obra camponesa diretamente entre aqueles que haviam deixado os campos. Não havia mais necessidade de se ligar a nenhuma corporação e havia a possibilidade de contratação por baixos salários.

"Nos termos desse quadro, deparamo-nos com uma nova ordem social. Sem a mediação das corporações, empresários e empregados situam-se como indivíduos isolados na sociedade. Seus padrões de ajustamento à realidade passam a ser condições do mercado, a ordem jurídica imposta e defendida pelo Estado e a livre associação com seus companheiros de interesse. A ruptura dos antigos laços sociais de dependência social e das regras corporativas promovem, portanto, a liberação do indivíduo e o empurram para a luta da concorrência com outros indivíduos, conforme as condições postas pelo Estado e pelo capitalismo. O sucesso ou o fracasso nessa nova luta dependeria – segundo Maquiavel, o introdutor da ciência política precisamente nesse momento – de quatro fatores básicos: acaso, engenho, astúcia e riqueza. Para os pensadores renascentistas, os humanistas, a educação seria o fator decisivo". [1]

Um mundo para ser conhecido e não só admirado[2]

Durante o Renascimento, existiu um grande desejo por parte dos mais diversos estudiosos de tentar conhecer, descrever e estabelecer relações entre os fatos observados na natureza e no próprio ser humano. Deixa-se de lado uma atitude religiosa de mera admiração do mundo como obra de um Deus criador. Ainda que, para aqueles pensadores, o mundo e a humanidade fossem obras de Deus, era preciso conhecê-los cuidadosamente e não apenas admirá-los. É um tempo de humanismo, que pretende enfatizar a dignidade e a independência do espírito humano.

Os estudiosos e cientistas daquele tempo buscavam explicações, o importante era ter uma atitude racional e procurar desvendar cientificamente o mundo em que se vivia. Por isso, o período é rico em exemplos de pesquisadores e inventores, que começam a criar o mundo moderno e a preparar o caminho para o desenvolvimento científico e técnico que facilitaria a vida das sociedades contemporâneas.

"O período é de grande inventividade técnica estimulada e estimuladora do desenvolvimento econômico. Criam-se novas técnicas de exploração agrícola e mineral, de fundição e metalurgia,

[1] SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. p. 11.

[2] Texto extraído de: ARRUDA, José Jobson e PILETTI, Nelson. *Toda a história:* história geral e do Brasil. São Paulo, Editora Ática, 2001. Adaptado de: GRAÇA PROENÇA. *O Renascimento.* São Paulo, Ática, 1998. p. 13.

de construção naval e navegação, de armamentos e de guerra. É o momento da invenção da Imprensa e de novos tipos e papel e de tintas. Se a introdução de uma nova técnica poderia colocar uma empresa à frente de suas concorrentes, a criação de novas armas colocava os Estados em vantagem sobre os seus rivais". [3]

Humanistas: "Embora só se tenha difundido no século XV esse termo indicava um conjunto de indivíduos que desde o século anterior vinha se esforçando para modificar e renovar o padrão de estudos ministrado tradicionalmente nas Universidades medievais". [4]

A reforma educacional dos humanistas

Durante a Idade Média as Universidades eram dominadas pela cultura da Igreja e visavam a preservação da ordem feudal. Entretanto, com a crise do feudalismo, esse tipo de estrutura não tinha mais condições de se manter: os humanistas iniciaram, então, um movimento de reforma dos estudos tradicionais baseado nos "estudos humanos". Essa reforma incluía a poesia, a filosofia, a história, a matemática, a eloqüência. Os "estudos humanos" fundamentavam-se no domínio do latim e do grego e, desta forma, os humanistas dedicaram-se ao estudo destes idiomas e da civilização greco-romana, da Antiguidade Clássica.

Poetas e escritores

a) Dante Alighieri (1265-1321): Poeta e filósofo italiano. "A principal obra filosófica convencional de Dante é o *Banquete* (1304-08), projetada como uma série de catorze tratados, dos quais só quatro estão completos. *Da Monarchia* (c.1313) contém a teoria política de Dante. Mas é a sua obra-prima a *Divina Comédia* [...] que é universalmente reconhecida como a manifestação literária das idéias morais, religiosas e filosóficas do final do século XIII, e princípio do século XIV. O poema é dividido em três partes. Na primeira, o *Inferno*, Dante visita os círculos do inferno, com seus cada vez piores pecadores [...]. No *Purgatório*, o poeta encontra os pecadores arrependidos que esperam a redenção, e no último círculo, o paraíso terrestre, reúne-se à falecida Beatriz [sua amada], que no *Paradiso* lhe mostra os círculos ascendentes de beleza e luz, culminando com a visão de Deus". [5]

b) Nicolau Maquiavel (1469-1527): Filósofo político nascido em Florença, Itália. Principal obra: *O Príncipe.* "Maquiavel defendeu o ponto de vista chocante segundo o qual, embora se espere que o príncipe [o rei] ou o governante constituam as encarnações da virtude e da honra, os governantes de sucesso, face ao modo como o mundo é, são apenas aqueles que agem sem consideração pela moralidade convencional". [6]Maquiavel pode ser visto como o primeiro sociólogo.

c) Erasmo de Roterdã (c.1466/9-1536): "Um dos primeiros e maiores humanistas do Renascimento do norte. [...] Estudou teologia em Paris por algum tempo. Uma viagem à Inglaterra em 1499 colocou-o em contato com Thomas More e outros humanistas. Teve uma vida de estudioso viajante, e publicou coletâneas de provérbios clássicos, assim como seu *Elogio da Loucura* (1509)". [7] Na sua principal obra, *Elogio da Loucura*, Erasmo satirizava as práticas religiosas e a teologia escolástica[8] e defendia sua preferência pelas crenças mais simples da Igreja, o que inspirou o movimento da Reforma Religiosa.

d) Thomas Morus (ou Thomas More) (1477/78-1535): Nasceu e estudou em Londres. "Filosoficamente, é conhecido como amigo de Erasmo e como figura-chave do Renascimento

---

[3] SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. p. 11.
[4] Idem. p. 13.
[5] BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
[6] Idem.
[7] Idem.
[8] "A filosofia ensinada nas escolas e nos locais de instrução teológica da Igreja durante o período medieval". Idem.

inglês, mas também como autor de *Utopia* (1516), uma descrição da busca por um ideal político que tenha um sistema nacional de educação, que seja comunista e que cultive a tolerância religiosa". [9]

- Cervantes (Espanha), Shakespeare (Inglaterra) e Camões (Portugal) também são representantes, em seus países, do humanismo.

Ciência

a) Nicolau Copérnico (1473-1543): Escrever *As revoluções dos orbes celestes*, onde apresentou "a primeira teoria heliocêntrica do mundo da época moderna". [10]

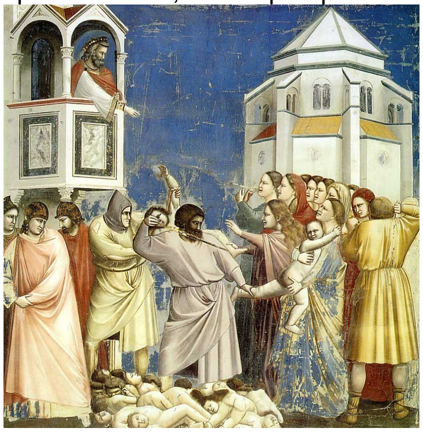
b) Galileu Galilei (1564-1642): Cientista italiano, Galileu defendeu que a ciência deve ser baseada na observação e que devemos ter cautela em relação ao nosso conhecimento sobre a natureza, ao contrário do que se pensava através dos dogmas comuns ao pensamento medieval. "A concepção de mundo associada à ciência moderna é freqüentemente referida como a concepção galileana do mundo". [11] Galileu deu prosseguimento aos estudos de Copérnico e provou que o sistema deste cientista estava correto.

Artes

Os estilos artísticos medievais, românico e gótico, tinham função sobretudo religiosa, visando despertar o temor a Deus e fazer com que os fiéis refletissem sobre sua salvação e sobre a fé. A arte, nesse caso, era um instrumento didático, que fazia com os fiéis "aprendessem" as lições da Igreja. Ou seja, a arte desse período não precisava ter nenhuma relação com a realidade concreta e cotidiana.

A arte renascentista expressa concepções de mundo novas, surgidas com todas as transformações sociais e econômicas oriundas da crise do feudalismo. Pode-se dizer que o norte da Itália foi o berço do Renascimento artístico europeu e um dos pioneiros foi Giotto.

Em suas obras, Giotto, embora mantivesse ainda muitas relações com o medievo, constituía uma série de diferenças em relação a esse período. Os personagens pintados em geral possuem fisionomia próprias, que caracterizam cada um como indivíduos, o que não era comum na Idade Média. O pintor também procurar evidenciar o volume das formas pintadas, dando-lhes tridimensionalidade (a arte medieval era bidimensional): assim, ele foi responsável por uma nova concepção de espaço, agora em profundidade, ou em perspectiva.



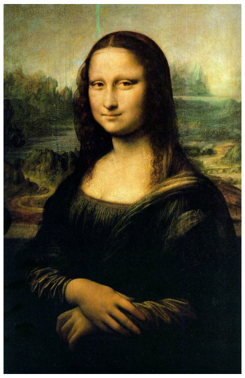
Innocents, de Giotto

"Segundo o comentário do pintor Albrecht Dürer, a expressão perspectiva significa 'ver através'. Essa impressão inédita de olhar-se para uma parede pintada e parecer que se vê para além dela,

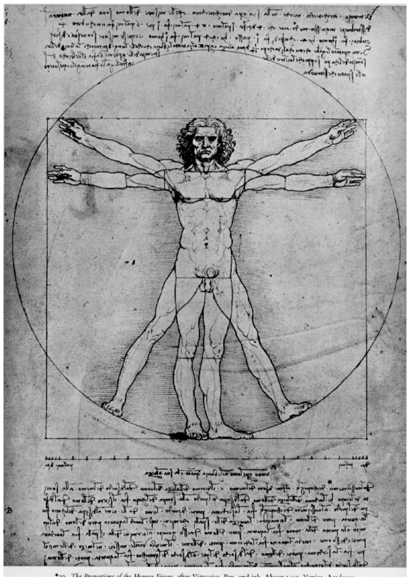
[9] Idem.
[10] Idem.
[11] Idem.

como se ali tivesse sido aberta uma janela para um outro espaço, o espaço pictório, era o principal efeito buscado pelos novos artistas. A pintura tradicional, gótica ou bizantina, praticamente se restringia ao plano bidimensional das paredes, produzindo no máximo um efeito decorativo. O novo estilo artístico multiplicava o espaço dos interiores e, com a preocupação de dar às pessoas, objetos e paisagens retratados a aparência mais natural possível, parecia multiplicar a própria vida. Uma arte desse tipo impressionava muito mais os sentidos que a imaginação, convidava muito mais ao desfrute visual do que à meditação interior. Era uma arte que remetia o homem ao próprio homem e o induzia a uma identificação maior com seu meio urbano e natural, ao contrário dos estilos medievais que predispunham as pessoas a penetrarem nos universos imateriais das hostes celestiais. A arte renascentista, portanto, mantinha uma consonância muito maior com o modo de vida implantado no Ocidente europeu com o incremento das relações mercantis e o desenvolvimento das cidades". [12]

A perspectiva introduzida por Giotto foi, mais tarde, aperfeiçoada. Além disso, os pintores começaram a fazer representações realistas do corpo humano, o que exigia profundos conhecimentos anatômicos: o pintor precisava ser um cientista completo.



Mona Lisa, ou Gioconda, de Leonardo da Vinci



Estudo anatômico de Leonardo da Vinci

[12] SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. p. 30.

Davi, de Michelangelo

Um homem moderno[13]

Leonardo da Vinci (1452-1519) é o perfeito representante do espírito renascentista – empenhado em conhecer leis que regem a natureza e em transformar o conhecimento em técnica.

Leonardo não foi um especialista. E também por isso simboliza sua época, pois o Renascimento é um tempo que valoriza a associação entre os diversos conhecimentos científicos e práticos. As atividades intelectuais relacionam-se; os pesquisadores interessam-se pelas artes, pela reflexão filosófica e pelos conhecimentos de física, matemática, mecânica, hidráulica, astronomia, anatomia. Tudo precisa ser levado em consideração, porque tudo contribui para melhor compreender o mundo e o próprio ser humano.

Falar da obra de Leonardo da Vinci é falar de pintura, escultura, música, cenografia, matemática, engenharia e arquitetura [...]

[13] Texto extraído de: ARRUDA, José Jobson e PILETTI, Nelson. *Toda a história:* história geral e do Brasil. São Paulo, Editora Ática, 2001. Adaptado de: GRAÇA PROENÇA. *O Renascimento.* São Paulo, Ática, 1998. p. 13-7.